



Amanda S. A. Dias

**Às Margens
da Cidade e do Estado**
Campos Palestinos no Líbano
e Favelas Cariocas



EDITORA
UNIFESP

Com um tema audacioso, Amanda Dias propõe não somente uma leitura comparativa de duas situações, mas também uma reflexão epistemológica extremamente rica sobre o exercício da comparação, sua contribuição heurística e seus limites. A pesquisa que deu origem a este livro trata, no campo de Beddawi, no Líbano, e na favela de Acari, no Rio de Janeiro, da subjetividade daqueles que a cidade qualifica potencialmente como “excedentes” ou “dependentes”. Embora às vezes ocupem regiões centrais, esses espaços constituem as margens da cidade – entendida aqui em sua dimensão política e civilizatória. Os intelectuais do campo de Beddawi e da favela de Acari, interlocutores, no sentido forte do termo, de Amanda Dias, são aqueles das margens. É nessa condição que buscam se transformar em porta-vozes dos grupos que lhes deram origem e, ao mesmo tempo, negociar sua autonomia em relação a eles.

As três partes do livro, “Perceber”, “Habitar” e “Agir”, cada uma dotada de um eixo central e de uma proposta teórica forte, formam um conjunto coeso e bem-sucedido. A primeira parte faz emergir a figura do urbano visto como inimigo da urbanidade, ou, ao menos, como uma ameaça potencial à ordem na cidade, de modo que, em um ecletismo ainda por se estudar, o posicionamento de si na cidade se dá pela identificação com os símbolos repulsivos que a

assombram (bin Laden, Talibãs, Che...). A segunda parte propõe uma rica leitura da verticalização dessas margens e da crise de sentido que esse processo suscita na cidade, que, em geral, concebe as margens como um espaço plano. O orgulho desses espaços, definido em termos de nobreza e militância – em outras palavras, lealdade e sacrifício às causas das quais eles são palco –, se impõe como um elemento de construção identitária e de distinção em relação à urbanidade circundante. Finalmente, a terceira parte, sensível ao fenômeno do tempo, tanto longo (estendendo-se por diversas gerações) como curto (limitando-se à duração da pesquisa), mostra de que forma os modos de ação, individuais e coletivos, podem se transformar, sem provocar, no entanto, um sentimento de ruptura radical ou de traição. Amanda Dias observa não somente a emergência de novas gerações que marcam o espaço com suas próprias ações, mas também transformações no interior do percurso de uma mesma geração, como a passagem de um registro axiológico, potencialmente autodestruidor, à decisão de fundar uma família.

A riqueza metodológica e a qualidade da pesquisa deste trabalho serão reconhecidas pelo conjunto da comunidade acadêmica.

HAMIT BOZARSLAN

École des Hautes Études en Sciences
Sociales (EHESS)

Às Margens da Cidade e do Estado

© Editora Unifesp - 2022
Proibido imprimir ou reproduzir.



Universidade Federal de São Paulo

Reitor Nelson Sass
Vice-reitora Raiane Patrícia Severino Assumpção



Editora Unifesp

Diretora Cynthia Andersen Sarti

Conselho Editorial Cynthia Andersen Sarti (presidente)
André Medina Carone
Bruno Feitler
Esther Solano
Francisco Foot Hardman
Gabriel Cohn
José Castilho Marques Neto
Leticia Squeff
Mauro Aquiles La Scalea
Paulo Schor
Valéria Petri



Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo

Diretora Presidente Maria José da Silva Fernandes
Conselho de Administração Flávio Tayra
Superintendente de Publicações José Leovigildo de Melo Coelho Filho
Cynthia Andersen Sarti

Amanda S. A. Dias

Às Margens da Cidade e do Estado
Campos Palestinos no Líbano e Favelas Cariocas

Apresentação de Loïc Wacquant

Prefácio à Edição Brasileira de Patricia Birman

Prefácio de Michel Agier

Tradução de Aristóteles Angheben Predebon



EDITORA
UNIFESP

Copyright © 2021 by Editora Unifesp
Original title: *Aux marges de la ville et de l'État: camps palestiniens au Liban et favelas cariocas*
Copyright: © Éditions Karthala, 2013
By arrangement with So Far So Good Agency

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d'aides à la publication de l'Institut Français.
Este livro contou com o apoio à publicação do Institut Français.

**INSTITUT
FRANÇAIS**


**AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL**
*Liberté
Égalité
Fraternité*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Dias, Amanda S. A.

Às margens da cidade e do Estado: campos palestinos no Líbano e favelas cariocas / Amanda S. A. Dias; prefácio de Michel Agier; tradução de Aristóteles Angheben Predebon. – São Paulo: Editora Unifesp, 2021.

16 x 23 cm; 432 p.

ISBN 978-65-5632-120-2

1. Campos de refugiados – Líbano. 2. Favelas – Rio de Janeiro (RJ). 3. Periferias – Condições sociais. 4. Exclusão social. 5. Problemas sociais. I. Predebon, Aristóteles A. (Aristóteles Angheben), 1979-. II. Título.

CDD 307.74

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)
As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e
não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Editora associada à  **Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Direitos em língua portuguesa reservados à
EDITORA UNIFESP
Rua Sena Madureira, 1500, 5º andar – Vila Clementino
04021-001 – São Paulo – SP – Brasil
(11) 5576 4848, ramal 8393
www.editoraunifesp.com.br



@EditoraUnifesp



@EditoraUnifesp



@editoraunifesp

Impresso no Brasil 2021
Foi feito o depósito legal

©Editora Unifesp - 2022
Proibido imprimir ou reproduzir.

Para Carmen, minha mãe

Sumário

Agradecimentos	11
Apresentação. Passos para uma Antropologia Comparativa da Relegação Urbana, <i>Loïc Wacquant</i>	13
Prefácio à Edição Brasileira. Aproximar Circuitos, Comparar Distâncias, Cultivar Diferenças: Palestinos, Brasileiros e Franceses a Partir de Certas Margens, <i>Patricia Birman</i>	17
Prefácio à Primeira Edição. Ao Encontro dos Habitantes de uma Cidade Invisível, <i>Michel Agier</i>	23
Introdução.....	27

PRIMEIRA PARTE: PERCEBER

1. Campo e Favela, Dois Espelhos Invertidos da Cidade	57
<i>A Construção Social da Favela</i>	59
<i>A Construção do “Inimigo Interno” no Líbano</i>	64
2. Perceber o Mundo	77
<i>A Palestina nas Favelas</i>	77
<i>A Favela nos Campos</i>	86
3. Perceber-se no Mundo.....	93
<i>A Criminalização da Juventude das Periferias Urbanas segundo Deley</i>	94
<i>Burhân e as Teorias de Complô</i>	101

SEGUNDA PARTE: HABITAR

4. Reflexões sobre o Habitar em um Campo e em uma Favela	115
<i>Um Dia no Campo de Refugiados e na Favela</i>	116
<i>O Campo, a Favela e a Cidade</i>	128
<i>Habitar Espaços Dominados por Outros Atores</i>	135

5. Habitar o Campo, Habitar a Favela.....	149
<i>Acari e Beddawi, de uma Ponta à Outra</i>	149
<i>O Campo e a Favela como Fontes de Identificação</i>	161
<i>Dentro/Fora</i>	172
<i>A Divisão do Espaço entre Poderes Locais</i>	181
6. Redes de Solidariedade no Campo e na Favela: Famílias Estendidas em Beddawi e Igrejas Evangélicas em Acari	187
<i>Afeto e Segurança no Campo e na Favela</i>	188
<i>As Redes de Auxílio Recíproco no Cotidiano</i>	196
<i>As Redes de Auxílio Recíproco em Face da Juventude: Partir para o Exterior e Deixar o Tráfico de Drogas</i>	204
7. Habitar um Espaço Estigmatizado.....	221
<i>Ressentimento</i>	226
<i>Viver o Estigma no Cotidiano</i>	232
<i>Marginalização De Jure e De Facto</i>	246

TERCEIRA PARTE: AGIR

8. O Campo e a Favela de uma Geração à Outra.....	253
<i>Burhân</i>	255
<i>Deley</i>	262
<i>Nizâr</i>	275
<i>Wesley</i>	292
9. Agir no Campo, Agir na Favela.....	311
<i>Agir no Feminino</i>	312
<i>Arte, Militância e Voluntariado</i>	325
<i>Para Além do Voluntariado</i>	348
<i>Militar é Também Sair Desses Espaços</i>	356
Epílogo.....	367
<i>O Massacre do Complexo do Alemão</i>	367
<i>A Destruição do Campo de Nahr Al-Bared</i>	373
Conclusão.....	385
Posfácio, <i>Deley de Acari</i>	401
Glossário.....	405
Referências Bibliográficas.....	413

Agradecimentos

Meus agradecimentos se dirigem, em primeiro lugar, ao professor Hamit Bozarslan e à professora Patricia Birman, que me conduziram e acompanharam ao longo de minha pesquisa.

Expresso igualmente meu reconhecimento à École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e ao Institut Français du Proche-Orient (Ifpo), que me concederam, para além do enquadramento acadêmico, o apoio material necessário à realização de minhas pesquisas de campo. Que os sucessivos diretores do Departamento de Estudos Contemporâneos do Ifpo, em especial Franck Mermier e Elisabeth Longuenesse, encontrem aqui minha manifesta gratidão.

Gostaria de agradecer a Michel Agier, Patrick Bruneteaux, Jihane Sfeir, Sabrina Mervin, Márcia Leite, Christina Vital da Cunha e Lia Mattos Rocha, por seu apoio moral e intelectual.

Um muito obrigado à Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Médio (UNRWA), que me permitiu realizar meu trabalho de campo no acampamento de Beddawi nas melhores condições. Meus agradecimentos vão muito especialmente para Richard J. Cook e Sven Berthelsen.

Não deixo de lembrar o apoio das instituições instaladas no campo de refugiados e na favela. Um muito obrigado à associação Asiles, à sua diretora Wanda Hoesh e aos jovens da Maison de l'Amitié Franco-Palestinienne (Mafpa) em Beddawi. No Rio de Janeiro, agradeço ao Centro Educacional Comunitário Senhor do Bonfim, especialmente à dona Vera. Agradeço também à Caravane de Résistances Artistiques en Zones de Conflit, especialmente a Vladimir Cruells.

Nunca agradecerei o bastante a meus interlocutores no campo e na favela: a família de Abed e Soraia, Burhân, Nizâr Abû Avid, Wanderley da Cunha, Wesley Denílio e tantos outros artistas, militantes e habitantes de Beddawi e de Acari.

A edição brasileira deste livro deve muito à Loïc Wacquant, que recomendou sua tradução, e Laure Naveau, que me incentivou a publicá-lo em português. Um grande obrigado à Cynthia Sarti e à Ana Maria Fiorini, que coordenaram sucessivamente esta publicação. Agradeço também Aristóteles Angheben Predebon, pela tradução do francês para o português.

Minha gratidão à família Hagege, que me acolheu em Paris com generosidade. Agradeço de todo meu coração a meus pais, Carmen e Marcílio, e a minha irmã, Helen, cujo apoio e afeto foram e permanecem indispensáveis.

Enfim, muito obrigada a Adrien Hagege, por sua presença ao meu lado durante todo esse trabalho.

Apresentação

Passos para uma Antropologia Comparativa da Relegação Urbana

Loïc Wacquant

Às Margens da Cidade e do Estado conduz os leitores ao interior de um campo palestino, no Líbano, e de uma favela, no Rio de Janeiro, a fim de explorar a estrutura e a experiência comparadas da relegação urbana e da cidadania precária e liminar em duas sociedades assoladas pela violência permanente, pelo estigma étnico e por um Estado flagrantemente disfuncional. Amanda Dias, antropóloga franco-brasileira, fez seus estudos na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris, na qual hoje atua, e é fluente em português, francês e árabe. Ela conduziu um estudo de campo arriscado e multifacetado no campo de Beddawi, perto de Trípoli, no Líbano, e na favela de Acari, na zona norte do Rio de Janeiro, alternando estadias nas duas localidades, ao longo de mais de um ano de observações, de maneira que cada uma delas serviu de suporte existencial e analítico para o questionamento da outra.

Esse desenho de pesquisa original leva Amanda a dar proeminência, nas duas localidades, ao que ela chama de “intelectuais das margens”, uma noção que ela deriva do “intelectual orgânico” de Antonio Gramsci para assinalar sua profunda inserção social e simbólica no meio local. Esses intelectuais – dois artistas plásticos dos arredores de Trípoli; um poeta e um cantor de hip-hop militantes por justiça social da periferia carioca –, pertencentes a duas gerações distintas, não são somente porta-vozes informais e negociadores com o mundo exterior. São também o que se poderia chamar de *sociólogos leigos*, detentores de um conhecimento apurado e de uma interpretação lúcida dos modos de pensar, sentir e agir característicos dos moradores do campo e da favela. Ao expressar a consciência coletiva

e as emoções de seus companheiros residentes, mostram-se guias valiosos nesses “espaços de exclusão” das metrópoles libanesa e brasileira.

Este livro faz três contribuições importantes para a ciência social da marginalidade urbana. A primeira é para a antropologia da *vida cotidiana em um território de relegação*. Por meio deste trabalho, conseguimos seguir as peregrinações, respirar o ar, ver as vistas, sentir os sabores e ouvir as palavras e as inquietações das pessoas do campo e da favela. Acompanhamos as estratégias individuais e coletivas mediante as quais eles compõem uma “microcidade” habitável própria, onde, até certo ponto, se sentem em casa, aproveitando com criatividade os recursos materiais escassos fornecidos pelo ambiente construído (como no desenvolvimento vertical de habitações), por laços sociais densos (ancorados, no campo de refugiados, na família estendida; e na favela, nas igrejas evangélicas) e pelo sentimento coletivo (animado por um anseio pela liberação palestina perto de Trípoli e por um temor difuso da violência do tráfico de drogas na periferia do Rio de Janeiro)¹.

A segunda contribuição é que Amanda reúne materiais férteis para a sociologia da *estigmatização territorial* no Sul global, um campo de pesquisa que cresceu a uma velocidade assombrosa na última década no Norte global². A desgraça espacial é uma forma de aviltamento simbólico dotado de uma dinâmica e de efeitos próprios, distintos daqueles da etnicidade e da pobreza, com as quais ela é frequentemente confundida. Ela corrói o senso de dignidade de seus residentes, distorce seus laços sociais ao promover o distanciamento mútuo e encoraja reações de aversão entre os que não são de lá, sejam eles indivíduos, empresas ou agentes públicos. A dura realidade da mácula territorial ficou explícita para Amanda Dias: quando contava aos passageiros de ônibus ou aos motoristas de táxi aonde

1. Para uma comparação, ver Erik Harms, *Saigon's Edge: On the Margins of Ho Chi Minh City*, 2011; Yeoh Seng Guan (org.), *The Other Kuala Lumpur: Living in the Shadows of a Globalising Southeast Asian City*, Londres, Routledge, 2014; Marco Di Nunzio, *The Act of Living: Street Life, Marginality, and Development In Urban Ethiopia*, Ithaca, NY, Cornell University Press, 2019; Harriet Evans, *Beijing from Below: Stories of Marginal Lives in the Capital's Center*, Durham, NC, Duke University Press, 2020; e Brodwyn Fischer, Bryan McCann, e Javier Auyero (orgs.), *Cities from Scratch: Poverty and Informality in Urban Latin America*, Durham, NC, Duke University Press, 2020.
2. Loïc Wacquant, Virgílio Pereira e Tom Slater (orgs.), edição temática de *Environment & Planning A* sobre “Territorial Stigmatization” (vol. 46, n. 6, jun. 2014), e os trabalhos citados na Introdução, assim como o mapa de algumas centenas de artigos elaborado por Troels Schultz Larsen e Kristian Nagel Delica, “The Production of Territorial Stigmatisation: A Conceptual Cartography”, *City*, vol. 23, n. 4-5, 2019, pp. 540-563.

estava indo, via se estampar em suas expressões a descrença ou o pavor, e a isso se seguia o conselho de que, para seu próprio bem, não entrasse no campo ou na favela. Igualmente reveladoras são as técnicas de manejo do estigma empregadas pelos residentes do campo e da favela quando do lado de fora: os jovens refugiados palestinos evitam usar o *keffieh* e afetam um sotaque libanês para se “passar” por libaneses, ao passo que os jovens favelados escondem seu endereço, vestem uniformes escolares e carregam uma bíblia para se dissociarem do espectro do criminoso. Perto de Trípoli, assim como no Rio de Janeiro, habitar um lugar marginal significa ser percebido e tratado como uma criatura marginal, um ser mutilado, a encarnação de um nível inferior de humanidade.

Por último, *Às Margens da Cidade e do Estado* oferece vislumbres estimulantes à etnografia comparativa da *malignidade do Estado* – os múltiplos meios pelos quais a autoridade pública deprecia, desestabiliza e ameaça o bem-estar das populações despossuídas e expostas ao opróbrio nas metrópoles³. Em ambas as localidades, a polícia e o exército são agentes de uma forma execrável de “*biopower*” às avessas à *la* Foucault, que retira os direitos e restringe as chances de vida – e a vida *tout court* – das populações consideradas social e economicamente supranumerárias. Isso se manifesta simultaneamente em um superpoliciamento e um subpoliciamento, na militarização da manutenção da ordem e na penetração periódica e explosiva de agentes do Estado, armados, nos espaços da marginalidade: o epílogo do livro justapõe o massacre de 2007 no Complexo do Alemão, nas mãos da tropa de elite da polícia militar brasileira, à destruição, pelo Exército libanês, do campo de Nahr Al-Bared naquele mesmo ano. Em ambos os casos, a intervenção

3. Ver, por exemplo, Enrique Desmond Arias, *Drugs and Democracy in Rio de Janeiro: Trafficking, Social Networks, and Public Security*, Chapel Hill, NC, University of North Carolina Press, 2006; Leigh A. Payne, *Unsettling Accounts: Neither Truth Nor Reconciliation in Confessions of State Violence*, Durham, NC, Duke University Press, 2008; Daniel M. Goldstein, *Outlawed: Between Security and Rights in a Bolivian City*, Durham, NC, Duke University Press, 2012; Andy Clarno, *Neoliberal Apartheid: Palestine/Israel and South Africa After 1994*, Chicago, University of Chicago Press, 2017; Javier Auyero e Katherine Sobering, *The Ambivalent State: Police-Criminal Collusion at the Urban Margins*, Nova York, Oxford University Press, 2019; Deborah J. Yashar, *Homicidal Ecologies: Illicit Economies and Complicit States in Latin America*, Nova York, Cambridge University Press, 2018; Nicholas Rush Smith, *Contradictions of Democracy: Vigilantism and Rights in Post-Apartheid South Africa*, Nova York, Oxford University Press, 2019; e Silvia Pasquetti, *Refugees and Citizens: Control, Emotions, and Politics in a West Bank Camp and an Israeli “Mixed City”*, Nova York, Oxford University Press, 2021.

estatal tomou a forma de represália e se materializou em mais mortes, destruição e desespero.

O prisma do Sul global, onde a cidadania é frágil ou negada e o Estado, brutal e caótico, revela como a penalização da pobreza urbana abre caminho para a militarização da marginalidade, mediante a qual populações desprovidas e estigmatizadas são tratadas como inimigos estrangeiros ou domésticos da nação⁴. O campo palestino e a favela brasileira emergem, assim, como palcos-chave do Estado de segurança que por toda parte persegue os pobres, os quais perturbam sua norma simplesmente por existirem, se não por uma resistência ativa e desobediência passiva.

Berkeley e Paris, maio de 2021

4. Loïc Wacquant, "The Militarization of Urban Marginality: Lessons from the Brazilian Metropolis", *International Political Sociology*, vol. 2, n. 1, mar. 2008, pp. 56-74 (tradução para o português: "A Militarização da Marginalidade Urbana: Lições da Metrópole Brasileira", *Discursos Sediciosos. Crime, Direito e Sociedade*, vol. 15-16, outono 2007, pp. 203-220).

Prefácio à Edição Brasileira

Aproximar Circuitos, Comparar Distâncias, Cultivar Diferenças: Palestinos, Brasileiros e Franceses a Partir de Certas Margens

Patricia Birman

A primeira conversa com Amanda Dias sobre o que veio a ser este livro aconteceu em Paris. Foi em um pequeno restaurante “por quilo” chinês que começamos a trocar ideias. Comparar a vida em uma favela no Rio de Janeiro com aquela que transcorre em um campo palestino no Líbano foi, em resumo, o bem ousado projeto que Amanda me expôs. Rememorar esse encontro no recanto sino-parisiense (frequentado por asiáticos, trabalhadores e pequenos comerciantes das redondezas) me leva a sugerir uma continuidade temática entre o livro e a conversa inicial: o pequeno restaurante reunia de modo cotidiano e banalizado pessoas de muitas origens, desconhecidas entre si, porém imersas no cosmopolitismo naturalizado das grandes metrópoles. Poderiam entabular uma conversa? Certamente. Encontrariam, sem maiores dificuldades, terrenos comuns, de forma a poderem considerar as possíveis distâncias que antecedem o exercício de uma sociabilidade descomprometida.

Como veremos, o livro discorre sobre certas localidades cujos moradores trazem marcas sociais e corporais que são obstáculos bem cristalizados para encontros impensados e principalmente para exercícios despreocupados de sociabilidade fora dos lugares onde vivem. Palestinos, em um campo de refugiados, e moradores de favela, em uma periferia no Rio, como os leitores supõem, não vão a qualquer lugar sem refletir sobre as fronteiras a atravessar.

No momento de nossa conversa, não me dei conta de que já nos encontrávamos embebidas, ali mesmo, em entrelaçamentos propiciados por uma das grandes metrópoles do mundo globalizado. Trata-se aqui exatamente disto: de modo me-

nos casual e com muitas consequências, o livro faz aproximações, comparações de povos distantes entre si. Esses foram chamados a conversar por intermédio de Amanda Dias, e agora a complexidade das suas vidas chega a nós. Comparar os diferentes, aproximar-se e propiciar contatos e, mais do que isso, construir o reconhecimento das alteridades presentes em si mesma e nos outros resume, em uma ínfima gota, o tema abordado por Amanda Dias neste livro.

Com efeito, muitos “mundos” se cruzam no livro de Amanda Dias. Destaquemos alguns, a começar pelo dela própria. De uma família mineira, morava em Paris, onde fazia seu doutorado. Quando a conheci, já tinha realizado um longo trabalho de campo em Beddawi, um campo palestino situado nos arredores de Trípoli, capital do norte do Líbano. Estudava árabe com afinco. O orientador de Amanda Dias, na França, também é um estrangeiro: Hamit Bozarslan, turco da etnia curda e especialista em conflitos no Oriente Médio, professor e pesquisador em Paris. Os seus interesses acadêmicos, podemos sugerir, incorporaram-se a sua trajetória pessoal. Posso também me apresentar, como a orientadora que fui de Amanda no Brasil. Os estudos que realizei sobre favelas e periferias foram elaborados em grande parte pelo engajamento político e afetivo com a situação enfrentada por seus moradores. Amanda, ciente dos cruzamentos que a motivavam, entrelaçou por meio de si própria muitos laços com cada um desses “mundos”, que a aproximaram de palestinos, árabes, franceses e também de brasileiros.

Encontramos em sua narrativa os muitos enraizamentos dos vínculos que ela veio a construir entre esses “mundos”. Cada um carrega as tensões e os conflitos que vêm de muito longe e se renovam sem cessar: entre as metrópoles europeias e suas antigas colônias em servidão; entre a fuga para o exílio e o combate pela terra natal; entre o passado escravista e o ataque armado de sempre às favelas. Os legados complexos do passado e do presente se misturaram nas suas narrativas, ao analisar as trajetórias dos seus amigos e colaboradores. O livro *Às Margens da Cidade e do Estado: Campos Palestinos no Líbano e Favelas Cariocas* efetiva um brilhante trabalho comparativo entre lugares e situações que terminam por nos aproximar de realidades distantes e absolutamente fascinantes.

Línguas, culturas, religiões foram, historicamente, apresentadas quase como antípodas, no interior das grandes clivagens que separam como alteridades insuperáveis o Oriente do Ocidente, o islã do cristianismo, os europeus dos árabes etc. Não vale a pena insistir. Sabemos que estamos mencionando alteridades tidas como irredutíveis, mas que, de fato, se reconhecem apesar das atmosferas e combates ameaçadores que contribuem para opô-las entre si.

Fomos conduzidos por Amanda Dias, em primeiro lugar, a Trípoli, capital do norte do Líbano. É na periferia dessa grande cidade oriental que se situa o campo de Beddawi, onde vivem palestinos refugiados há duas gerações. Em um segundo momento, a pesquisadora deslocou o seu campo para a periferia do Rio de Janeiro, para a favela de Acari, cujos habitantes majoritariamente se definem como negros, descendentes de africanos, de migrantes nordestinos que provavelmente fizeram o trajeto para as metrópoles do Sudeste, como Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de um horizonte mais próspero.

Trata-se de lugares, entre os muitos periféricos, nossos conhecidos, nos quais a violência do passado mantém continuidade com o presente. O fio condutor do livro não está em aproximar as situações trágicas que vivem seus sujeitos, mas em poder percebê-las (e não só essas) no interior de formas de vida que, *a priori*, não temos qualquer “chave” para decifrar. A comparação foi elaborada por Amanda Dias por meio de uma análise fina e minuciosa das diferenças. Como pensam os intelectuais do campo palestino? Como refletem sobre o futuro de suas vidas, de suas famílias, do campo e do vínculo nacional cultivado pela ideia de retorno à Palestina? Como, em sentido equivalente, pensam os intelectuais de Acari sobre o futuro da favela, sobre suas vidas, seus horizontes e suas esperanças de um futuro melhor, em uma sociedade ideal, sem racismo e desigualdades como conhecem na própria pele? Com que instrumentos, culturais e sociais, agem e interpretam o mundo em que vivem?

Amanda alarga o campo das experiências de seus leitores por meio de sua narrativa, que foi nutrida pela sua experiência, pela convivência com os seus interlocutores e amigos, situados nessas periferias tão diferenciadas entre si, no Brasil e no Líbano.

Deley e Wesley, ambos da favela de Acari, e Nizâr e Soraia, do campo de Beddawi, são seus principais colaboradores e amigos. O que o leitor encontrará aqui são circuitos que se percorrem por meio dos lugares situados na rede envolvente tecida por Amanda, e também combinados entre si por ela. As barreiras sociais e culturais entre essas comunidades periféricas não foram minimizadas. Ao contrário, ao ressaltá-las, percebe-se que a profundidade histórica do povo palestino em seu exílio, bem como as muitas gerações que construíram a história de Acari, no Rio de Janeiro, são fundamentais para se compreender em que contextos as reflexões, as escolhas e os modos de vida desses dois povos fazem sentido para eles próprios e podem ser compartilhados por nós.

A questão, pois, de como “comparar o (aparentemente) incomparável” foi escrutinada por Marcel Detienne, intelectual francês especialista em Grécia antiga,

que assim intitulou um de seus livros: *Comparar o Incomparável* (2000). Segundo ele, “trata-se de construir o que é comparável”. E pergunta: “Como definir o comparável sem experimentação?” Sugere, assim, que os termos da comparação não são dados, mas o resultado de um trabalho que quer compreender o sentido das experiências vividas. Favelas e campos puderam conversar entre si, por meio de um livro que valorizou em sua narrativa os meios que fizeram as diferenças compreensíveis, isto é, comparáveis entre si.

Em colaboração estreita com seus interlocutores, a autora descreve as situações vividas, os diálogos, as ações e os eventos, de modo a sugerir ao leitor uma maneira densa de partilhar desses mundos que se tornam próximos, amigáveis apesar das situações extremas e extremamente diferenciadas em que neles se vive.

E assim se constroem, por meio da observação e das muitas trocas ao longo dos anos, formas de ver/sentir/pensar as cidades, o campo e a favela. Valores diferenciais relativos à família, à hierarquia, aos gêneros, às relações de força e formas de poder vão envolvendo os leitores pelo relato de situações, de encontros, passeios e conversas íntimas com seus amigos. As fronteiras entre o “dentro” e o “fora”, as passagens, aberturas e limites para circular entre passagens, circunstâncias e modos de agir conduzem o leitor nessa quase aventura.

Não é de pouca importância o fato de os principais interlocutores de Amanda serem intelectuais e artistas. Entre o islã, o Oriente e as várias faces cristãs deste lado ocidental do mundo, Amanda ressalta a importância da arte e dos seus intelectuais, capazes de refletir sobre os horizontes políticos das tragédias humanas que levaram suas comunidades respectivamente a vidas confinadas e limitadas por fronteiras do exílio e a vidas marcadas pela herança racial e escravista. As conversas entre uns e outros permitem perceber que esses encontros clarificam o sentido da resistência entre uma comunidade e outra. A arte de Dely de Acari – seus poemas e textos – e a arte de Nizâr – suas pinturas e murais –, imersas nas realidades locais, trazem a violência do campo de refugiados e da favela para o campo da comparação. Estigmas e violência são comuns, embora pertençam a configurações e horizontes de vida distintos. Não se atinge a compreensão das diferenças por meio de sobrevoos conceituais que tudo reduzem a uma linguagem dos conceitos previamente estabelecidos. As diferenças seriam, dessa forma, falsamente elaboradas ora como irreduzíveis, ora como desimportantes por meio de conceitos genéricos preexistentes. Mais incisivamente: não se trata de reduzir as diferenças a favor de uma visão homogeneizante que só reafirmaria a hegemonia da ciência do “Norte” sobre esses povos do “Sul”. E não

se trata tampouco de agigantá-las, de forma a ver esses *outros* como faces deformadas de si mesmo.

A arte da escrita, a arte das palavras, das cores e das imagens forjam esses intelectuais à margem de mundos que não os reconhecem: tratam os lugares onde vivem como se neles não existisse nada de bom ou de significativo – nem nas ideias, nem na arte, nem na vida, nem vidas bem vividas, apesar de todos os pesares.

Estamos já acostumados a práticas reiteradas de eliminação das diferenças, de sua negação brutal, sem que sequer se busque entendê-las. Das suas linguagens violentas que circulam abertamente e cada vez mais. Buscam submeter, ou mesmo apagar, as vozes e imagens dos muitos *outros* que insistem em ter um lugar de vida. Por tudo isso, insistimos: é uma experiência inspiradora acompanhar a circulação de Amanda entre seus amigos e interlocutores de pesquisa.

A proximidade e a cumplicidade compartilhadas nos levam a usufruir, na narrativa de Amanda, dos pequenos acontecimentos do cotidiano, simplesmente porque é assim que os elos se criam e ganham importância afetiva e intelectual. A autora, de modo exemplar, não aceitou a aridez de uma vida que exclui “outros”. Bem ao contrário, a proximidade cultivada com a diferença em seus variados percursos mostra-se também um bom projeto para viver a vida, além de ser, claro, uma excelente maneira de fazer um livro.

Prefácio à Primeira Edição Ao Encontro dos Habitantes de uma Cidade Invisível

Michel Agier

Bersabeia, uma das cidades invisíveis descritas pelo romancista italiano Italo Calvino, tem um duplo celeste e um outro subterrâneo. O primeiro está lá onde pairam as virtudes, os sentimentos mais elevados, os metais nobres e as pedras preciosas. É em direção às alturas que miram os habitantes da cidade terrestre; é com a Bersabeia celeste e ideal que eles gostariam de parecer. A segunda, Bersabeia subterrânea, é feita de detritos da cidade visível, abriga um mundo gorduroso, sombrio e fecal, é a cidade de todos os restos. Ela é o espelho invertido da cidade visível. Dispondo sua obra sob o signo de Bersabeia, Amanda Dias quer dizer o caráter heterotópico dos campos e das favelas. Pois, se a primeira Bersabeia, celeste, é uma utopia, a segunda remete a antropóloga brasileira à heterotopia. Esse conceito foucaultiano, imaginado há mais de quarenta anos, foi tão eficaz quanto inacabado, quase intuitivo, vindo a existir temporariamente entre as formas da investigação do filósofo sobre os perímetros (o dentro e o fora) do pensamento e do sensível. Mas, por isso mesmo, Foucault nomeava e designava à curiosidade dos pesquisadores um terreno vago em que nascem, crescem e se transformam “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, ainda que, entretanto, sejam efetivamente localizáveis”. Esse sentido, partilhado pela favela de Acari, no Rio de Janeiro, e pelo campo de refugiados palestinos de Beddawi, próximo a Trípoli, no Líbano, funda para Amanda Dias uma pesquisa que se dirá “bilocalizada” e o exercício da comparação.

Campos de refugiados e favelas periurbanas partilham, com efeito, uma comum exclusão do tecido social e urbano cotidiano, do qual eles estão, todavia, próximos. Campos e favelas são “periféricos” em mais de um sentido e clamam

pela descentralização. Quando o antropólogo do mundo contemporâneo decide ir observar às margens do urbano como às margens do Estado, sem miserabilismo nem visão compassiva, ele procura, com tal descentramento, descobrir tanto as gêneses em si como os limites do urbano e do Estado no presente. Nesses recantos mais frágeis, incertos, o que eram a princípio espaços “outros” se tornam o centro e o ponto de partida da reflexão. São cidades invisíveis e, entretanto, frequentáveis: a antropologia leva seu olhar descentrado não para lugares exóticos (no fim das contas, campos para migrantes e refugiados, assim como favelas, existem também na Europa, ainda que igualmente sejam invisibilizados!), mas para um duplo e uma fronteira próximos, por vezes no interior do perímetro urbano e político comum. Nesses lugares intersticiais se põe à prova toda concepção “autocentrada” da Cidade e do Estado. O interesse e a dificuldade da pesquisa de Amanda Dias foram o de acrescentar a essa pesquisa nos limites um esclarecimento recíproco entre a favela brasileira e o campo palestino, nascidos e desenvolvidos em contextos históricos e geográficos bastante diferentes, e entretanto continuamente refletidos. Os campos palestinos do Líbano remetem à imagem das favelas do Rio e questionam a compreensão não somente do pesquisador, mas também de duas “comunidades” que produzem interpretações diferentes de sua marginalização.

A originalidade da obra é sua transparência quanto ao questionamento e ao diálogo que a constituiu. O etnógrafo deve abrir caminho em seu campo. Amanda Dias conduz a pesquisa de seu modo particular. Ela dá aulas de ioga no campo palestino, onde se sente mais bem acolhida que na favela do Rio, e aulas de desenho para crianças na favela que percorre com um poeta do lugar e que ela tem a impressão de conhecer menos que o campo de Beddawi.

Qual é o objeto da comparação? Encontra-se nos dois casos a marca de um tempo ainda curto mas reconhecível na formação de um quadro urbano em que as semelhanças, notadamente no *habitat* e no urbanismo, rapidamente saltam aos olhos dos visitantes: os dois espaços são precisamente contemporâneos um do outro, sua história começa entre o fim dos anos 1940 e o início dos anos 1950. O que ao mesmo tempo os reúne e os diferencia é uma questão partilhada por todos os espaços e categorias “subalternas”, a da formação de um relato de si que confere ao sujeito sua capacidade de transformar uma posição social, urbana e política marginal. Mas, pergunta-se Amanda Dias, qual é a “causa” das favelas diante da evidente “causa palestina”? Pode-se perguntar se esta não termina por se confundir com uma “causa dos campos”, segundo uma mobilização política urbana que se aproximaria das mobilizações dos favelados.

Em vez de responder a essas questões em lugar de seus interlocutores, o antropólogo dialoga. A profunda qualidade dialógica da construção da pesquisa e da interpretação não deixará de suscitar questões e debates. A escrita oferece um diálogo permanente entre a autora e seus quatro principais interlocutores, que, de informantes privilegiados (segundo a fórmula cara à pesquisa etnográfica), adquirem por momentos o estatuto de coautores. Pois, “mais que um simples testemunho”, trata-se, diz em suma a autora, de desvelar a análise de seus interlocutores.

A pesquisa de uma “causa” capaz de mobilizar um sujeito político é o que a leva a retomar a questão dos interlocutores da pesquisa, de maneira já não metodológica, mas substancial. Quem enuncia, com efeito, as formas e as questões daquilo que muitos chamam, nos dois espaços estudados, de “resistência”? É então que Amanda Dias demonstra grande perspicácia propondo e questionando a noção de “intelectual das margens”, que atualiza, matiza e individualiza a ideia gramsciana de “intelectual orgânico”. Críticos, reflexivos e mediadores com o mundo “exterior” no campo ou na favela, eles procuram manter (com maior ou menor sucesso) sua independência em relação às instituições mais coercitivas dos lugares em que vivem e em que se funda sua legitimidade – as organizações políticas, militares ou religiosas, ou as redes de tráfico. Eles são também “líderes” e procuram, com sua intervenção, transformar o espaço e o cotidiano dos lugares em nome dos quais falam. É na conversa e nas trocas com esses intelectuais das margens que a autora se questiona sobre as “causas” do campo e da favela e, ao mesmo tempo, por certo, sobre os limites da comparação. Pois as figuras localmente reconhecidas de líderes políticos, artísticos, de associações ou religiosos (pentecostais em um caso, islâmicos no outro) como produtores de sentido para os espaços concernentes têm progressivamente deslocado o objeto da comparação, a partir da marginalização até o militarismo, para daí sair.

Operação de pesquisa sempre necessária para compreender um meio e suas representações, a troca com aquelas e aqueles que Amanda Dias chama de intelectuais das margens revelou-se também um ato de reconhecimento e de igualdade, ou de “humildade” reivindicada pela autora. Suas idas e vindas entre o Líbano e o Brasil são ritmadas por renovadas conversas em que a antropóloga relata sua pesquisa a seus principais interlocutores, partilhando com eles seus questionamentos (principalmente sobre o campo e a favela) e solicitando seus comentários. O “mundo” criado pelo desdobramento da pesquisa se torna também um jogo de espelhos de múltiplas faces: entre as cidades invisíveis e seus duplos invisíveis, entre o campo e a favela, entre, enfim, os intelectuais engajados em um diálogo

criativo, isto é, Amanda Dias e seus principais interlocutores de Acari e de Beddawi. Estes últimos – Deley e Wesley, Burhân e Nizâr – não quiseram ocultar-se no anonimato, como se pede frequentemente aos pesquisadores de campo. O que faz da própria pesquisa um momento de “conversa democrática” (conforme as palavras de Hannah Arendt) e pode contribuir para fazer da antropologia o meio, bem como o fim, de sua própria descolonização.

©Editora Unifesp - 2022
Proibido imprimir ou reproduzir.



O surgimento dos espaços à margem é um fenômeno global que demanda um trabalho de antropologia comparativa. Esta obra faz um espelhamento entre os campos de refugiados palestinos no Líbano e as favelas brasileiras, cuja condição atual, às margens da cidade e do Estado, convida a uma aproximação. No Líbano, a situação dos refugiados palestinos é das mais difíceis, já que sua integração na sociedade sempre significou uma ameaça ao equilíbrio confessional do país. No Brasil, embora os habitantes das favelas sejam, em princípio, cidadãos brasileiros, situam-se *de facto* nas margens políticas, socioeconômicas e jurídicas da sociedade, sendo a favela considerada o espaço do crime e da droga.

Amanda Dias se interessa pelos processos sociais e identitários que se desenvolvem nesses espaços marcados pela precariedade e pela estigmatização, e também por suas interações com o Estado e a sociedade na qual se inserem. Ao privilegiar uma abordagem etnográfica no campo de Beddawi e na favela de Acari, ela revela as estratégias de sobrevivência de suas populações e a existência de importantes redes de ajuda mútua. Por fim, dá especial atenção àqueles que identifica como os “intelectuais das margens”, artistas e militantes, portas de entrada microsociológicas para se compreender a condição dos refugiados, dos favelados e dos lugares onde vivem.

Mais que apontar semelhanças e diferenças ou criar um modelo explicativo globalizante, este exercício comparativo traz consigo a promessa de um olhar renovado.

Doutora em Sociologia pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris) e pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, **AMANDA DIAS** é pesquisadora associada ao Centre d'Études en Sciences Sociales du Religieux. É membro do comitê de redação da revista *Brésil(s). Sciences Humaines et Sociales* (CRBC-EHES) e colaborou com diversos livros.

INSTITUT
FRANÇAIS



AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL

Liberté
Égalité
Fraternité

ISBN 978-65-5632-120-2



9 786556 321202